

O LADRÃO

THE THIEF



Autor: TANIZAKI, Junichiro
Tradutor: HAYASHI, Renan Kenji Sales¹

RESUMO: Este trabalho realiza uma tradução de um conto literário do autor japonês Junichiro Tanizaki (1886-1965). Trata-se de uma história sobre a trajetória de um ladrão em um contexto urbano da cidade de Tóquio em meados do século XX. A obra apresenta um trabalho interessante com a narrativa, além de uma reviravolta original e inquietante, razão pela qual acredita-se que a tradução de sua versão em inglês seja importante para os leitores de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Tanizaki, Conto, Narrativa, Literatura Japonesa.

ABSTRACT: This paper carries out a translation of a literary tale from the Japanese writer Junichiro Tanizaki (1886-1965). It is a story on a thief's trajectory within an urban setting placed in Tokyo City in the mid-20th century. This tale shows an interesting work with the narrative structure. Besides, it carries out an original and disturbing plot twist. That is why we believe the translation from its English version is important to Portuguese language readers.

KEYWORDS: Tanizaki, Literary Tale, Narrative, Japanese Literature.

APRESENTAÇÃO

Há cinquenta e três anos morria um dos autores mais representativos da prosa japonesa: Junichiro Tanizaki (1886-1965). Dono de linhas com palavras cortantes e criador de histórias bastante originais para o contexto e para a época, Tanizaki deixou para o universo da literatura mundial um legado com poucas, porém eminentes obras. Dentre elas, destaca-se *Sasameyuki* (Irmãs Makioka), cujo início se deu em 1943, sendo

¹Docente na Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação – ESAMC/Campinas. Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista CAPES (nº do processo 1783898). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB).

interrompida pelo governo militar japonês à época, sendo concluída em 1948. *Irmãs Makioka* é considerada a obra-prima de Tanizaki, apontada por estudiosos como um dos escritos japoneses mais importantes do século XX. Além dessa, pontuamos *Tade Kuu Mushi* (Há quem prefira as urtigas) (1929) e *In'ei raisan* (Elogio da sombra) (1933). Autor de romances completos e complexos, Tanizaki não se furtava em abordar temas de reconhecida importância para a sociedade japonesa, como honradez, beleza, estética, sempre envolvidos em uma atmosfera cuidadosamente pensada e detalhada nas linhas de suas repletas de poética e pedras, que às vezes estão no meio do caminho do poeta.

O conto ora traduzido teve sua publicação originalmente feita em 1921, em japonês, sob o título *Watakushi* (em ideograma ‘私’). *Watakushi* em língua japonesa pode se referir à primeira pessoa do discurso, muitas vezes traduzido por “eu”. Na atualidade, usa-se uma derivação dessa palavra – *Watashi* – mantendo, porém, o mesmo ideograma chinês para designação. No título, já mora uma das chaves de leitura do conto, sem, contudo, antecipar o desfecho do conto, ou tirar o espanto que se tem ao descobrir o desenrolar da trama, que não é nada óbvia.

No título em inglês – *O ladrão* –, a atribuição de culpa a alguém é sugerida apenas pelo uso do substantivo sem quaisquer usos de pronomes pessoais ou designações de pessoas do discurso, portanto, diferentemente da versão em japonês. Nesse sentido, qualquer pessoa pode ser o ladrão da trama. É preciso, pois, ler o conto até o fim e mergulhar na reviravolta que Tanizaki traz nesse conto. Nessa tradução, optamos por trazer ao público uma versão do texto em inglês, tendo em vista a qualidade técnica da tradução feita do texto original em japonês.

Esperamos com esse texto que o leitor possa ter um pouco da experiência de ler Tanizaki, o que poderia implicar em uma descoberta de como a construção da trama narrativa era feita por mãos japonesas no século XX. Além disso, o público pode se deliciar com as letras e delírios de um autor que foi da loucura à beleza, sem se perder nas palavras, mas fazendo delas o modo de encontrar a verdade. Ainda que a verdade tivesse de ser furtada do universo em transe. Apreciem.

TRADUÇÃO

O LADRÃO

Ocorreu há alguns anos, lá na escola onde eu me preparava para a Universidade Imperial de Tóquio.

Meus colegas de dormitório e eu costumávamos passar bastante tempo no que chamávamos de “estudo à luz de vela” (havia muito pouco de estudo nisso). Em uma noite, bem depois das luzes já terem sido apagadas, nós quatro fazíamos nosso estudo, nos amontoando ao redor da vela e conversando bastante.

Eu me recordo de que estávamos tendo uma de nossas acaloradas e confusas discussões sobre o amor – um problema de grande importância para nós naquele tempo. Seguindo um curso natural, a conversa enveredou para o assunto de crimes. Nós falávamos sobre coisas como trapaçagens, furtos e assassinatos.

– De todos os crimes, assassinato é o provável que cometamos –. Foi Higuchi, o filho de um conhecido professor, que declarou isso. “Mas, eu não acredito que algum dia eu cometeria um roubo – eu simplesmente não conseguiria fazê-lo. Penso que poderia ser amigo de qualquer tipo de pessoa, mas um ladrão parece pertencer a uma espécie diferente de ser humano”. Uma sombra de repugnância encobriu os belos traços dele. De alguma forma, aquela franzida de cenho enalteceu sua beleza.

– Eu ouvi que, recentemente, está havendo uma onda de roubos no dormitório –. Dessa vez, foi Hirata quem falou. – Não é isso? – ele perguntou virando-se para Nakamura, nosso outro colega de quarto.

– Sim, e eles dizem que é um dos estudantes.

– Como eles sabem? – eu perguntei.

– Bem, eu não ouvi todos os detalhes –, Nakamura abaixou seu tom de voz para um sussurro confidencial. – Mas, tem acontecido com tanta frequência, que só pode ser um trabalho de alguém de dentro.

– Não apenas isso – Higuchi acrescentou – um dos colegas na ala norte estava entrando em seu quarto outro dia, quando alguém, que já estava dentro, empurrou a porta

e o acertou com um tapa forte no rosto e fugiu correndo pelo corredor. Nosso colega correu atrás dele, mas quando conseguiu descer toda escada, o outro já estava fora do alcance de vista. De volta ao quarto, ele encontrou o baú e seus livros todos bagunçados, o que prova que o cara era um ladrão”.

– Ele viu o rosto dele?

– Não, tudo aconteceu muito rápido, mas ele diz que o cara parecia um de nós, pela forma como estava vestido. Aparentemente, ele fugiu pelo corredor com seu casaco colocado sobre a cabeça – uma certeza é que o casaco dele tinha um brasão de glicínia.

– Um brasão de glicínia? – disse Hirata.

– Você não pode provar nada com isso –. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas eu notei que ele lançou um olhar de suspeita sobre mim. Nesse momento, eu senti que instintivamente fiz uma cara sem-graça, uma vez que o brasão de minha família é o desenho de uma glicínia. Apenas por sorte, eu não estava usando meu casaco bordado naquela noite.

– Se ele for um de nós, não será fácil capturá-lo. Ninguém quer acreditar que exista um ladrão entre nós –. Eu estava tentando me livrar de meu constrangimento por conta daquele momento de fraqueza.

– Não, eles o pegarão em alguns dias –, disse Higuchi enfaticamente. Os olhos dele brilhavam. – Isto é segredo, mas eles disseram que o ladrão geralmente rouba coisas no vestiário do banheiro comum. Faz uns dois ou três dias que os inspetores têm estado de olho. Eles se escondem no alto e observam tudo por um pequeno buraco –.

– Oh? Quem te disse isso? –, perguntou Nakamura.

– Um dos inspetores. Mas não vá por aí contando nada sobre isso –.

– Se *você* sabe tanto, o ladrão provavelmente sabe disso também –, disse Hirata, com um ar descontente.

Aqui, devo explicar que Hirata e eu não nos dávamos muito bem. Na realidade, nessa época, nós mal podíamos tolerar um ao outro. Eu digo “nós”, mas era o Hirata que tinha uma profunda antipatia por mim. De acordo com um de meus amigos, ele afirmou,

certa vez, com profundo desdém, que eu não era o que todos pensavam que fosse e que ele não se deixou enganar por mim. – Estou farto dele. Ele nunca será um de meus amigos. Só por pena que eu tenho algum sentimento em relação a ele –.

Ele só dizia essas coisas pelas minhas costas. Eu nunca ouvi nada vindo diretamente dele, embora fosse óbvio que ele me detestasse. Contudo, não era do meu feitio cobrar explicações. “Se tinha alguma coisa errada comigo, ele tinha que me dizer”, eu repetia para mim mesmo. – Se ele não tem a nobreza de me dizer o que é, ou se ele acha que eu não valho o incômodo, então não vou considerá-lo um amigo também –. Eu me sentia um pouco solitário quando pensava a respeito do desprezo dele por mim, mas eu não me preocupava muito com isso.

Hirata tinha um físico admirável e carregava o tipo de masculinidade de que nossa escola se orgulhava. Eu era muito magro, pálido e irritadiço. Havia alguma coisa incompatível entre nós dois: eu tinha de aceitar o fato de que nós vivíamos em mundos diferentes. Além disso, Hirata era um judoca experiente de elevado grau, que ostentava seus músculos como se dissesse: – Cuidado, ou eu te dou uma surra! –. Possivelmente, pareceu covarde de minha parte adotar uma postura tão mansa diante dele e, sem dúvidas, eu *tinha* medo da força física dele. Contudo, felizmente, eu era indiferente a assuntos triviais como orgulho ou prestígio. – Eu não me importo o quão desdenhoso ele é; contanto que eu siga acreditando em mim mesmo, eu não preciso me sentir amargurado em relação a ele –. Foi assim que eu me convenci e fui capaz de estar à altura da arrogância do Hirata com minha fria generosidade. Cheguei a dizer para um dos garotos: – eu não posso fazer nada se o Hirata não me entende, mas, de qualquer forma, valorizo as qualidades dele –. E eu realmente acreditava nisso. Eu nunca me considerei um covarde. Ao invés disso, eu era até mesmo um pouco presunçoso, ao acreditar que eu devia ser uma pessoa muito nobre de caráter por conseguir elogiar Hirata com sinceridade.

– Brasão de Glicínia? –. Naquela noite, quando Hirata lançou um olhar repentino sobre mim, o jeito malicioso em seus olhos me deixou nervoso. O que aquele olhar poderia significar? Será que ele sabia que o brasão da minha família é uma glicínia? Ou eu entendi dessa forma unicamente por conta de meus sentimentos? Se Hirata suspeitava de *mim*, como eu poderia lidar com essa situação? Talvez, eu pudesse sorrir bondosamente e dizer: – Então, eu também estou sob suspeita, porque eu tenho o mesmo brasão –. Se os outros rissem comigo, eu estaria bem. Mas, suponhamos que um deles,

digamos Hirata, começasse a ficar muito sisudo – o que faria? Quando eu visualizei essa cena, eu não pude falar impulsivamente com muita clareza.

Pode parecer bobo preocupar-se com isso, mas durante aquele breve silêncio, me veio todo tipo de pensamento. – Nesse tipo de situação, que tipo de diferença existe, de fato, entre um homem inocente e um real criminoso? –. Por conta disso, eu senti que vivenciava a solidão e a ansiedade de um criminoso. Até então, eu fazia parte de um grupo de amigos, parte da elite de nossa famosa escola. Contudo, nesse momento, pelo menos na minha cabeça, eu era um marginal. Era absurdo, mas eu sofria pela minha inabilidade de poder me abrir com eles. Eu estava preocupado com o temperamento explosivo de Hirata, o qual deveria ser meu semelhante.

– Um ladrão parece pertencer a uma espécie diferente de ser humano –. Higuchi parece ter dito isso por acaso, mas agora as palavras dele ecoavam de maneira sinistra em minha mente.

– Um ladrão pertence a uma espécie diferente ... –. Um ladrão! Que nome detestável para ser chamado! Eu suponho que o que difere um ladrão de um outro homem não é tanto seu ato criminal em si, mas seu esforço por escondê-lo a qualquer custo. Além do esforço em tentar não pensar nisso e em seus medos obscuros, os quais ele jamais poderá confessar. E agora eu estava envolto naquela obscuridade. Eu tentava não acreditar que eu estava sob suspeita. Eu sentia medos que eu não poderia confessar nem ao meu melhor amigo. Obviamente deve ter sido porque Higuchi confiava em mim que ele nos contou o que ele ouviu dos inspetores. – Não vá por aí contando nada sobre isso –, ele disse e eu fiquei contente. Entretanto, – por que eu deveria me sentir contente? –, pensei. Apesar de tudo, Higuchi nunca suspeitou de mim. De alguma forma, eu comecei a imaginar qual seria o motivo para ele nos dizer o que disse a respeito dos inspetores.

Também me ocorreu que mesmo a pessoa mais virtuosa tem tendências criminais. Talvez eu não tenha sido o único a imaginar a possibilidade de ser um ladrão. Possivelmente, os outros estivessem experimentando um pouco do mesmo desconforto, do mesmo júbilo. Se assim o for, então Higuchi, o qual fora destacado pelo inspetor para compartilhar o segredo, tenha se sentido muito orgulhoso. Entre nós quatro, ele era o mais confiável, sendo considerado o menos provável de pertencer a “uma espécie diferente de ser humano”. E se Higuchi ganhou a confiança porque vinha de uma família abastada e

era o filho de um professor famoso, então dificilmente eu poderia deixar de invejá-lo. Da mesma forma que o status social dele ajudava em sua conduta moral, minhas origens me degradavam – eu era perfeitamente consciente da minha condição de estudante bolsista, filho de um fazendeiro pobre. No meu caso, sentir um tanto de temor na presença de Higuchi não tinha nada a ver com o fato de que eu fosse ou não um ladrão. Nós, *de fato*, pertencíamos a espécies diferentes. Eu sentia que quanto mais ele confiava em mim, com sua atitude franca e aberta, mais profundo se tornava o abismo que existia entre nós. Quanto mais amigáveis tentávamos ser, fazendo piadas um com o outro em aparente intimidade – fofocando e rindo juntos – mais aumentava a distância entre nós. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Por um longo tempo após o ocorrido, eu me preocupava se eu deveria usar ou não aquele meu casaco com o brasão de glicínia. Talvez, se eu o usasse por aí displicentemente, ninguém o notaria. Contudo, suponhamos que eles olhassem para mim só para dizer: – ah, ele está usando o casaco! –. Alguns suspeitariam, ou tentariam conter a desconfiança sobre mim; ou ainda lamentariam o fato de eu estar sob suspeita. Se ficasse envergonhado ou desconfortável, não somente com Hirata e Higuchi, mas também com todos os alunos e, se eu me sentisse obrigado a me livrar do meu casaco, isso sim pareceria terrível. O que eu temia não era o simples fato de ser suspeito, mas todas as emoções desagradáveis que eu suscitava nos outros. Causando dúvidas na cabeça dos outros, eu criaria uma barreira entre mim e aqueles que sempre foram meus amigos. Nem mesmo o roubo em si é tão feio quanto a suspeita que se levanta a partir dele. Ninguém gostaria de pensar em mim como um ladrão. Uma vez que não fora provado, eles gostariam de seguir se envolvendo comigo tão livremente quanto antes, forçando eles mesmos a confiarem em mim. Caso contrário, o que significaria uma amizade? Ladrão ou não, eu poderia ser culpado de um pecado pior que roubar coisas dos amigos: o pecado de estragar uma amizade. Plantar sementes de dúvidas sobre mim era criminoso. Isso *era* pior que roubar. Se eu fosse um ladrão prudente e esperto – não, não devo colocar as coisas dessa forma – se eu fosse um ladrão com um pouco de consciência e consideração pelas outras pessoas, eu tentaria manter minhas amizades intactas, tentando ser franco com meus amigos, tratando-os com uma sinceridade e cordialidade de que eu nunca precisasse me envergonhar, conduzindo, assim, meus roubos em sigilo. Talvez, eu seja o que as pessoas chamam de “um ladrão descarado”, mas se você olhar a questão do ponto de vista do ladrão, essa é a atitude mais honesta a se tomar. – É verdade que eu roubo coisas, mas é

igualmente verdade que eu valorizo meus amigos –, essa pessoa poderia assim afirmar. – Isso é típico de um ladrão, razão pela qual ele pertence a uma espécie diferente de ser humano –. De qualquer forma, quando eu comecei a pensar desse jeito, não pude evitar me tornar mais e mais consciente da distância que existe entre mim e meus amigos. Quando dei por mim, eu me sentia um verdadeiro ladrão.

Certo dia, reuni toda minha coragem e usei meu casaco bordado nas dependências da escola. Acabei encontrando Nakamura e começamos a conversar, enquanto caminhávamos juntos.

– A propósito –, pontuei, – ouvi dizer que eles ainda não prenderam o ladrão –.

– Isso mesmo –, Nakamura respondeu desviando o olhar.

– Por que não? Não poderiam encurralar no vestiário do banheiro comum?

– Ele não voltou a aparecer por lá, mas ainda se ouve que muitas coisas foram roubadas em outros lugares. Dizem que, outro dia, os inspetores chamaram Higuchi e deram uma dura nele por deixar o plano deles vazar.

– Higuchi? –, eu senti meu rosto empalidecer.

– Sim... –, Nakamura assentiu dolorosamente, ao tempo que uma lágrima rolou por sua bochecha. – Você precisa me perdoar! Eu mantive isso em segredo até agora, mas eu penso que precisa saber a verdade. Você não vai gostar, mas é de você que os inspetores suspeitam. Eu odeio falar sobre isso – eu nunca suspeitei de você nem por um minuto. Eu acredito em você. E por acreditar em você, eu preciso lhe dizer. Espero que você não fique com raiva de mim –.

– Obrigado por me dizer isso. Eu sou grato a você –. Eu estava quase aos prantos, mas ao mesmo tempo eu pensei: – até que enfim! –. Por mais que eu temesse, eu esperava que esse dia chegasse.

– Vamos mudar de assunto –, disse Nakamura, para me confortar. – Me sinto melhor agora que eu te disse –.

– Mas, nós não podemos deixar de pensar nisso só porque odiamos falar sobre isso. Eu aprecio sua consideração, entretanto, eu não fui o único a ser humilhado – eu

trouxe vergonha para você também, como meu amigo. O simples fato de estar sob suspeita, me torna indigno de amizade. De qualquer forma que você olhe essa situação, minha reputação está arruinada. Não é isso? Eu imagino que você vai virar as costas para mim em breve –.

– Eu juro que jamais farei isso e acho que você não trouxe nenhuma vergonha para mim –, Nakamura pareceu alarmado pelo meu tom repreensivo. – Nem o Higuchi. Eles dizem que Higuchi fez o melhor para te defender perante os inspetores. Ele disse que duvidaria de si mesmo antes de duvidar de você –.

– Mas eles ainda suspeitam de mim, não é mesmo? De nada adianta tentar poupar meus sentimentos. Me diga tudo que você sabe. Eu prefiro dessa forma –.

Em seguida, Nakamura, de maneira hesitante, me explicou: – Bem, parece que os inspetores percebem todo tipo de pista. Desde que Higuchi abriu o bico naquela noite, não tem havido mais nenhum roubo no vestiário do banheiro comum, razão pela qual eles suspeitam de você –.

– Mas eu não fui o único que ouviu o Higuchi! –. Eu não disse isso, mas esse pensamento me ocorreu imediatamente. Me fez sentir ainda mais sozinho e miserável.

– Como eles souberam que o Higuchi nos contou? Só havia nós quatro naquela noite, então se ninguém mais sabia disso e, se você e Higuchi confiam em mim ... –.

– Você terá de chegar às suas próprias conclusões”, disse Nakamura com um ar suplicante. “Você sabe quem é. Ele fez um julgamento errado de você, mas não quero criticá-lo –.

Um arrepio repentino me acometeu. Senti como se os olhos de Hirata estivessem penetrando os meus.

– Você falou com ele sobre mim? –.

– Sim ... mas, espero que você perceba que não é assim tão fácil, uma vez que eu sou tão amigo dele quanto sou seu. Na realidade, Higuchi e eu tivemos uma longa discussão com ele noite passada e ele disse que vai deixar o alojamento. Dessa forma, eu terei de perder um amigo em favor de outro –.

Segurei a mão de Nakamura e apertei com força. – Sou muito grato por ter amigos como você e Higuchi –, eu disse com lágrimas rolando de meus olhos. Nakamura também chorou. Pela primeira vez em minha vida, eu senti que estava experimentando, de fato, o calor da compaixão humana. Isso foi o que estivera buscando enquanto eu estava atormentado pelo meu senso de solidão desamparada. Não importa que ladrão terrível eu possa ser, eu jamais poderia roubar qualquer coisa do Nakamura.

Após algum tempo, eu disse: – Para ser franco, eu não valho o problema que estou causando a você. Eu não posso mais ficar em silêncio e ver vocês dois perderem um amigo tão bom por alguém como eu. Embora ele não confie em mim, eu ainda o respeito. Ele é um homem muito melhor do que eu sou. Eu reconheço o seu valor, como todo mundo. Assim, se chegou a esse ponto, por que eu não me mudo ao invés dele? Por favor, deixe-me ir e vocês três podem seguir vivendo juntos. Mesmo se eu estiver sozinho, eu me sentirei melhor a respeito dessa situação –.

– Mas não há razão para você se mudar –, disse Nakamura com a voz carregada de emoção. – Eu reconheço as qualidades dele também, mas é você quem está sendo perseguido. Eu não vou ficar do lado dele quando isso é tão injusto. Se *você* sair, *nós* devemos sair também. Você sabe o quanto ele é teimoso, uma vez que ele tenha se decidido a ir, ele não mudará de ideia. Por que não deixar ele fazer o que quer? Nós deveríamos também esperar que ele retorne a si e se desculpe. Isso não deve demorar muito –.

– Mas ele nunca vai retornar para pedir desculpas. Ele seguirá me odiando para sempre –.

Nakamura parecia assumir que eu estava ofendido pelo Hirata. – Oh, eu não penso assim –, disse ele rapidamente. – Ele vai honrar com sua palavra – isso é, ao mesmo tempo, sua qualidade e seu defeito – mas, uma vez que ele souber que ele está errado, ele vai vir, se desculpar e esclarecer tudo. Esse é um lado bom dele –.

– Seria legal se ele fizesse isso ... –, eu disse pensativo. – Ele pode voltar por você, mas eu não creio que ele será meu amigo novamente ... mas, você está certo, ele é realmente amável. Meu desejo é que ele gostasse de mim também –.

Nakamura colocou a mão no meu ombro como para proteger seu pobre amigo, enquanto nos caminhávamos arrastando-nos indiferentemente pelo gramado. Era noite e uma névoa fina pairava sobre o solo da escola. Parecia que estávamos em uma ilha cercada por mares acinzentados sem fim. Aqui e ali, alguns estudantes, andando em direção contrária a nossa, me lançavam olhares e seguiam. Eles já sabem, pensava eu. Eles estão me excluindo. Eu senti uma solidão esmagadora.

Naquela noite, Hirata parecia ter mudado de opinião, ele não mostrou nenhuma intenção de se mudar. Contudo, ele se recusou a falar conosco, até mesmo com Higuchi e Nakamura. Contudo, sair naquele momento seria impossível, eu ponderei. Não só eu estaria fazendo uma desfeita à gentileza dos meus amigos, mas também porque eu estaria me fazendo parecer ainda mais culpado. Eu deveria esperar um pouco mais.

– Não se preocupe – meus dois amigos ficaram me dizendo sempre. – Assim que eles pegarem o ladrão, toda essa situação será esclarecida –. Entretanto, mesmo após uma semana transcorrida, o criminoso continuava em liberdade e os roubos estavam mais frequentes que antes. Por fim, até mesmo Nakamura e Higuchi perderam dinheiro e alguns livros.

– Bem, finalmente vocês dois entenderam, não é mesmo? Mas, tenho a sensação que o resto de nós não será tocado –. Eu me recordo do olhar zombeteiro de Hirata enquanto ele fazia esse comentário sarcástico. Após o jantar, Nakamura e Higuchi geralmente iam à biblioteca, enquanto Hirata e eu éramos deixados encarando um ao outro. Eu achava isso tão desconfortável que eu também comecei a passar minhas noites longe do dormitório, ora indo à biblioteca, ora fazendo longas caminhadas. Certa noite, por volta das nove e trinta, eu voltei de uma caminhada e olhei dentro de nossa sala de estudos. Curiosamente, Hirata não estava lá. Os outros tampouco pareciam ter regressado. Eu fui olhar em nosso quarto, mas estava vazio também. Em seguida, eu retornei à sala de estudos, me aproximei da mesa de Hirata. Discretamente, eu abri a gaveta dele e localizei a carta registrada que ele havia recebido de sua casa há alguns dias. Dentro da carta, havia três ordens de pagamento de dez ienes, das quais eu lentamente retirei uma e coloquei em meu bolso. Eu empurrei a gaveta, fechei novamente e saí andando para o corredor. Em seguida, eu fui para o pátio, atravessando pela quadra de tênis e fui me encaminhando para o vão escuro e herboso onde eu sempre enterrava as coisas que eu

roubava. Todavia, nesse momento, alguém gritou: – Ladrão! – e voou em minha direção por trás, me atingindo com uma pancada na minha cabeça. Era o Hirata.

– Venha, anda! Vamos ver o que você enfiou no seu bolso! –.

– Está bem, está bem, você não precisa gritar desse jeito – eu disse calmamente sorrindo para ele. – Eu admito que roubei sua ordem de pagamento. Se você me pedir, eu te devolvo e se você me disser para ir com você, eu irei aonde me disser. Assim, nós nos entendemos, né? O que mais você quer? –.

Hirata pareceu hesitar, mas logo começou a disparar furiosamente vários golpes no meu rosto. De alguma forma, a dor que eu sentia não era de todo desagradável. Eu me senti repentinamente aliviado do fardo exorbitante que eu estivera carregando.

– Não adianta me bater dessa forma se eu caí direitinho em sua armadilha para mim. Eu cometi esse erro porque você estava muito seguro de si mesmo. Eu pensei: “por que diabos não poderia roubar o *Hirata*?”. Entretanto, agora que você me descobriu, isso é tudo que existe. Ainda, vamos rir juntos dessa situação –.

Eu tentei sacudir a mão de Hirata bondosamente, mas ele me pegou pelo colarinho e me arrastou até o nosso quarto. Essa foi a única vez que o Hirata pareceu desprezível aos meus olhos.

– Ei, amigos, eu peguei o ladrão! Vocês não podem dizer que eu fui enganado por ele! –. Hirata entrou em nosso quarto, e arrogantemente me empurrou para baixo na frente do Nakamura e do Higuchi, que já haviam voltado da biblioteca. Ao ouvirem a comoção, os outros garotos do dormitório vieram se amontoar como abelhas ao redor da porta.

– O Hirata está certo! –. Eu disse aos meus dois amigos, me recompondo e me levantando do chão. “Eu sou o ladrão”. Eu tentei falar em meu tom de voz normal, o mais casualmente possível, mas percebi que eu havia ficado pálido.

– Eu suponho que vocês me odeiem –, eu disse a eles. – Ou ainda, que vocês tenham vergonha de mim ... vocês dois são honestos, mas, seguramente, são ingênuos. Eu não venho repetindo a verdade para vocês? Eu até mesmo cheguei a dizer: – eu não sou a pessoa que vocês pensam que eu sou. O Hirata é o cara a se confiar. Ele nunca se deixa enganar –. Mas, vocês não entenderam. Eu disse a vocês: – mesmo que vocês

fiquem amigos do Hirata novamente, ele nunca será um amigo para *mim!* –. Cheguei ao ponto de afirmar: – eu sei bem mais que qualquer um o quanto o Hirata é um cara bacana! – Não é mesmo? Eu nunca menti para vocês, né? Vocês podem perguntar o porquê de eu não ter me apresentado e dito toda a verdade. Vocês provavelmente pensam que eu enganei vocês o todo tempo. Mas, tentem olhar a questão da minha posição. Sinto muito, mas *roubar* é uma coisa que eu não posso controlar. Ainda assim, eu não gostei de enganar vocês, então eu dizia a verdade de forma indireta. Eu não poderia ter sido mais honesto do que aquilo – a culpa é de vocês por não perceberem minhas pistas. Possivelmente, vocês podem pensar que eu estou sendo apenas perverso, mas eu nunca fui tão sério. Vocês provavelmente se perguntam porque eu não paro de roubar, se eu estou tão desejoso de ser honesto. Contudo, isso não é uma pergunta justa. Vejam, eu nasci um ladrão. Eu tentei ser o mais sincero possível com vocês dadas as circunstâncias. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Ainda assim, minha consciência me incomodava – eu não pedi a vocês para deixarem *eu* ir embora no lugar do Hirata? Eu não estava tentando fazer vocês de bobos, eu realmente queria fazer isso por causa de vocês. É verdade que eu roubei coisas de vocês, mas é também verdade que eu sou amigo de vocês. Eu suplico a amizade de vocês: eu quero que vocês entendam que mesmo um ladrão tem sentimentos –.

Nakamura e Higuchi ficaram lá parados em silêncio, piscando estupefatos.

– Bem, vejo que vocês pensam que eu tenho muita coragem. Vocês não me entendem. Eu acho que não há nada o que se fazer, uma vez que vocês são de uma espécie diferente de ser humano –. Eu sorri para ocultar meu ressentimento e acrescentei: – Já que eu sou amigo de vocês, devo alertá-los de que não é a última vez que uma coisa como essa acontecerá. Fiquem atentos! Vocês dois fizeram amizade com um ladrão por pura ingenuidade. É provável que vocês enfrentem dificuldades quando saírem para o mundo. Talvez possam ter as melhores notas na escola, mas Hirata é melhor homem. Você não pode enganar o Hirata! –.

Quando eu o destaquei para elogiá-lo, Hirata fez uma expressão irônica e desviou o olhar. Naquele momento, ele parecia estranhamente desconfortável.

Muitos anos se passaram desde então. Eu me tornei um ladrão profissional e estive várias vezes atrás das grades. Ainda assim, não posso esquecer aquelas memórias, especialmente, minhas memórias de Hirata. Toda vez que eu estou prestes a cometer um crime, eu vejo o rosto dele diante de mim. Eu o vejo se gabando mais soberbamente do que nunca, desdenhando de mim: – como eu suspeitava! –. Sim, ele era um homem de um caráter promissor. Contudo, o mundo é misterioso. Minha aposta que o ingênuo Higuchi iria “enfrentar dificuldade” estava errada: em parte pela influência do pai dele. Ele fez uma carreira brilhante, viajando pelo mundo, alcançando seu título de doutorado e desfrutando de uma posição elevada no Ministério Ferroviário. Enquanto isso, ninguém sabe o que o aconteceu com o Hirata. Não surpreende que pensemos que a vida é imprevisível.

Eu asseguro ao meu leitor que essa história é verídica. Eu não escrevi nenhuma palavra desonesta aqui. Além disso, espero, assim como Nakamura e Higuchi o fariam, que você acredite que escrúpulos morais delicados podem existir no coração de um ladrão como eu.

Entretanto, possivelmente você não acreditará nisso também. A menos que você, claro (se eu puder ser perdoado por sugerir isso), aconteça de pertencer a minha própria espécie de ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TANIZAKI, Junichiro. Seven Japanese Tales. New York: 1st Vintage International, 1963.